

CUIDADO É FUNDAMENTAL

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Escola de Enfermagem Alfredo Pinto

Anais do VII fórum nacional de mestrados profissionais em enfermagem

RESUMO

Empoderar é cuidar: novas práticas da enfermagem psiquiátrica em um hospital psiquiátrico

Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva¹; Cláudia Mara de Melo Tavares²; Andréa Damiana da Silva Elias³

Linha de Pesquisa: Formação Pedagógica

Introdução: Ao se pensar em reforma psiquiátrica é preciso trazer duas questões: O que reformar? E porque reformar? A psiquiatria traz em sua história o modelo tradicional onde foi pautado na exclusão do convívio sociofamiliar, na reclusão em hospitais psiquiátricos e no tratamento de ordem moral. Dessa maneira coube aos psiquiatras as equipes de enfermagem e aos guardas manter a ordem e disciplina para aqueles que habitavam esses espaços de reclusão. RODRIGUES (2013) relata que a o hospital psiquiátrico tradicional era *“marcado por uma assistência pautada exclusivamente na internação e no tratamento psiquiátrico tradicional, inicialmente realizada por uma equipe constituída por médicos e atendentes de enfermagem”*. Cabendo aos pacientes submissão plena e o cumprimento as ordens da equipe e cabia a equipe realizar qualquer intervenção que avaliassem necessária a manutenção da ordem e da disciplina. GOFFMAN (2015) traz o seguinte relato *“aos participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; aos internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados”* A Reforma Psiquiátrica surge como um paradigma que se contrapõe ao modelo da psiquiatria tradicional, pois considera que é preciso construir novas

¹ Enfermeira especialista em Saúde Mental e Psiquiatria, aluna do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES/UFF), enfermeira assistencial do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). luciana.alleluia@gmail.com.

² Enfermeira, Pós Doutora em enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiatria da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ – Brasil. claudiamarauff@gmail.com.

³ Mestre em enfermagem pelo MPEA/UFF, aluna do Doutorado acadêmico pelo CCS/UFF, enfermeira do Instituto de psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). andreadamiana@gmail.com.

práticas de cuidados que tenham uma sensibilidade sobre as pessoas que precisam de atenção em psiquiatria. DUTRA & ROCHA (2011) referem que *“tais práticas visam transformar as relações que a sociedade, os sujeitos e as instituições estabeleceram com a loucura, com o louco{...}que conduzam à superação do estigma, da segregação e da desqualificação dos sujeitos, estabelecendo com eles uma relação de coexistência, de troca, de solidariedade, de positividade e de cuidado”*. Neste sentido é preciso assegurar um cuidado integral e continuado. A escuta, o interesse pela pessoa, a construção de vínculos de confiança representa excelentes possibilidades de um cuidado compartilhado entre trabalhador-usuário. Oferecer possibilidades para que o paciente possa reconstruir laços sociais, afetivos e laborativos conferem a pessoa com transtorno psíquico um protagonismo sobre sua vida. O empoderamento proposto neste estudo considera que empoderar é oferecer ao sujeito a possibilidade de protagonizar seu cuidado em detrimento a submissão dada pelas instituições onde sua história, seus anseios e desejos são silenciados e rotulados ao diagnóstico e rotina institucionais. **Objetivos:** relatar a potência do relacionamento terapêutico entre enfermeiras e pacientes que estão internados em sofrimento psíquico; compreender o cuidado ampliando como uma ferramenta essencial para oferta de um cuidado na lógica da reforma psiquiátrica; refletir sobre as práticas que se limitam ao cuidado convencional; e apontar boas práticas que se pautam na criatividade e na sensibilidade. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência que ocorreu no período de novembro de 2016 a março de 2017. Este relato é parte do diário de campo e da observação participante construído para apresentação da dissertação do mestrado a ser concluído no segundo semestre de 2017. Teve como fonte teórico-metodológica uma pesquisa bibliográfica e busca na base de dados com os seguintes descritores: reforma psiquiátrica e enfermagem psiquiátrica. O cenário de estudo foi um Hospital psiquiátrico universitário no município do Rio de Janeiro e os participantes do estudo foram pessoas adultas com diagnósticos psiquiátricos que se encontravam internadas no referido período. Encontros regulares nas assembleias, oficinas terapêuticas e as saídas individuais e coletivas com as pessoas internadas foram as fontes para coleta de dados. Seguindo a perspectiva do relacionamento interpessoal tais atividades apontaram caminhos inovadores sobre o cuidado durante sua internação, a Pesquisa foi aprovada pelo CEP/UFF e pelo CEP/IPUB (instituição coparticipante) em conformidade as recomendações da resolução 466 ▫2012. **Resultados e Discussão:** Esta abordagem tem assegurado um lugar para que os pacientes internados em sofrimento psíquico construam recursos para lidar com um momento mais agudo, refletir sobre os cuidados durante o período crônico e trazer aos enfermeiros uma

reflexão sobre o cuidado como uma potente ferramenta de empoderamento e protagonismo sobre as ações de cuidar e uma melhora na qualidade de vida das pessoas. Consequentemente, reconhece a importância de se estabelecer outros espaços fora do *setting* clássico (enfermaria). Viabiliza um acolhimento ao sujeito e não aos sintomas. Os encontros nessa lógica de cuidados garantem uma interação mais consciente e reflexiva. Esse modelo de cuidar que envolve a pessoa como protagonista no cuidar conforme é proposto pela reforma psiquiátrica ainda não se consolidou como uma prática hegemônica. Neste cenário mostra um cuidado medicalizante e médico centrado onde o objetivo da assistência se resume, em muitos momentos, apenas a remissão dos sintomas. A enfermagem também cultiva um modelo de atenção que valida a correção e a adequação moral. Ao avaliar a necessidade de repensar o cuidado oferecido MUNIZ (2014) compreende que *“é preciso e necessário que os profissionais e acadêmicos de enfermagem aproximem-se do sujeito portador de sofrimento mental e permitam-se, com ele, aprender a cuidar deste de acordo com sua história, com suas dores subjetivas, suas escolhas, suas dificuldades e suas - ainda que tão provisórias e peculiares - conquistas”*. Embora seja uma instituição de formação bem-conceituada e de referência para o país, mantém instituído em sua assistência/cuidado práticas da psiquiatria tradicional. É preciso que haja um diálogo que propicie um encontro entre a formação e a prática a fim de consolidar o modelo de cuidado proposto pela Reforma Psiquiátrica Brasileira.

Conclusão: As práticas acolhedoras e sensíveis ao sofrimento psíquico são instrumentos potentes para assegurar um cuidado ampliado e subjetivo capaz de melhorar o relacionamento entre cuidador-cuidado e ainda produz práticas de empoderamento para as pessoas com transtornos psíquicos. MUNIZ (2014) sinaliza que *“é extremamente valioso para a enfermagem, para os pacientes e para a pesquisa que se desenvolvam estudos a respeito da prática de enfermagem em saúde mental, buscando aumentar o conhecimento neste campo do cuidado”*. Este estudo sugere que haja espaços contínuos de discussão com a equipe de enfermagem acerca desses cuidados.

Descritores: relacionamento terapêutico, enfermagem psiquiátrica e reforma psiquiátrica.

Referências

1. BRASIL, Lei 10.216/01. 06 de Abril de 2001. Lei Paulo Delgado.
2. BRASIL, GM/MS 336/02. 19 de Fevereiro 2002.
3. BRASIL, GM/MS 3.088/02. 23 de Dezembro 2011.

4. DUTRA, V.F.D., ROCHA, R.M.. O processo de desinstitucionalização psiquiátrica: subsídios para o cuidado integral. **rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2011 jul/set; 19(3):386-91
- 5-KANTORSKI L. P, Pinho L. B, Saeki T, Souza MCBM. Relacionamento terapêutico e ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental: tendências no Estado de São Paulo. **Rev Esc Enferm USP** 2005; 39(3):317-24.
5. MUNIZ, Marcela Pimenta et al. Desvendando o projeto terapêutico de enfermagem em saúde mental: um relato de experiência. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 132-140, jan. 2014. ISSN 2175-5361. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1747>>. Acesso em: 15 apr. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2014.v6i1.132-140>.
6. RODRIGUES, A.A.P. et al. Casa de saúde esperança: assistência de enfermagem psiquiátrica em um modelo tradicional (1975-1993) **rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2013 abr/jun; 21(2):202-7
7. TAVARES, C.M.M. Prática criativa da enfermagem psiquiátrica: fatores intervenientes no seu desenvolvimento. **Esc. Anna Nery**. 2002;6(1):107-118
8. VASCONCELOS, E.M. Reinvenção da cidadania, *empowerment* no campo da saúde mental e estratégia política para o movimento de usuários. In: AMARANTE, P. (org).
9. Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Ed. FioCruz. Cap.12, p267-277. 10-_____. Dispositivos associativos de luta e empoderamento de usuários, familiares e trabalhadores em saúde mental no Brasil. **Revista Vivência**, v. 32, p. 173-206, 2007.